

**O PROFESSOR COMO AGENTE DECODIFICADOR DA LINGUAGEM
FILOSÓFICA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICO-PRÁTICA**

***EL PROFESOR COMO AGENTE DECODIFICADOR DEL LENGUAJE FILOSÓFICO:
UNA PROPUESTA PEDAGÓGICO-PRÁCTICA***

***THE TEACHER AS A DECODING AGENT OF PHILOSOPHICAL LANGUAGE: A
PEDAGOGICAL-PRACTICAL PROPOSAL***



Eduardo RUEDA NETO¹
e-mail: eduardo.rueda.neto@gmail.com



Jurany Leite RUEDA²
e-mail: jurany.rueda@gmail.com

Como referenciar este artigo:

RUEDA NETO, E.; RUEDA, J. L. O professor como agente decodificador da linguagem filosófica: uma proposta pedagógico-prática. **Revista On-line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 28, n. 00, e023036, 2024. e-ISSN: 1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v28i00.19807>



| **Submetido em:** 10/10/2024
| **Revisões requeridas em:** 22/10/2024
| **Aprovado em:** 14/11/2024
| **Publicado em:** 16/12/2024

Editor: Prof. Dr. Sebastião de Souza Lemes

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Casa Publicadora Brasileira (CPB), Tatuí – SP – Brasil. Editor de livros. Doutor em Teologia (PUC-SP).

² Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), Engenheiro Coelho – SP – Brasil. Professora do Mestrado Profissional em Educação. Doutora em Educação (USP).

RESUMO: Um dos grandes desafios no ensino de Filosofia reside na linguagem hermética frequentemente utilizada por professores e livros, o que pode criar barreiras entre os alunos e o conhecimento filosófico. Isso implica que, para uma prática pedagógica eficaz, o professor de Filosofia precisa adaptar sua linguagem ao público a que se reporta, dedicando-se a tornar conceitos complexos mais compreensíveis. O presente artigo propõe que o docente atue de forma intencional e estratégica como mediador do conhecimento e agente decodificador da linguagem filosófica, traduzindo-a de forma didática e aproximando-a do cotidiano dos estudantes. Para que se alcance esse objetivo, foi realizada uma revisão bibliográfica e desenvolvida uma proposta de intervenção pedagógica com passos práticos para aplicação em sala de aula e na preparação dos professores. Tal proposta visa tornar a Filosofia acessível e prática, conectando a teoria à realidade dos alunos, a fim de que, por sua vez, se tornem agentes de transformação social.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Decodificador. Docente. Linguagem. Mediador.

RESUMEN: Uno de los grandes desafíos en la enseñanza de la Filosofía radica en el lenguaje hermético que suelen emplear tanto los profesores como los libros, lo que puede generar barreras entre los alumnos y el conocimiento filosófico. Esto implica que, para una práctica pedagógica eficaz, el profesor de Filosofía debe adaptar su lenguaje al público al que se dirige, dedicándose a hacer más comprensibles los conceptos complejos. El presente artículo propone que el docente actúe de manera intencional y estratégica como mediador del conocimiento y agente decodificador del lenguaje filosófico, traduciéndolo de manera didáctica y acercándolo al día a día de los estudiantes. Para alcanzar este objetivo, se realizó una revisión bibliográfica y se desarrolló una propuesta de intervención pedagógica con pasos prácticos para su aplicación en el aula y en la formación de los profesores. Tal propuesta busca hacer la Filosofía accesible y práctica, conectando la teoría con la realidad de los alumnos, para que, a su vez, se conviertan en agentes de transformación social.

PALABRAS CLAVE: Filosofía. Decodificador. Docente. Lenguaje. Mediador.

ABSTRACT: One of the great challenges in teaching Philosophy lies in the hermetic language often used by teachers and books, which can create barriers between students and philosophical knowledge. This implies that, for effective pedagogical practice, the Philosophy teacher must adapt their language to the audience they are addressing, striving to make complex concepts more understandable. This article suggests that the teacher should act intentionally and strategically as a knowledge mediator and a decodifier of philosophical language, translating it in a didactic way and bringing it closer to students' everyday lives. A literature review was conducted to achieve this goal, and a pedagogical intervention proposal with practical steps was developed for classroom application and teacher preparation. Such a proposal aims to make Philosophy accessible and practical, connecting theory to the students' reality so that, in turn, they may become agents of social transformation.

KEYWORDS: Philosophy. Decodifier. Teacher. Language. Mediator.

Introdução

Desde a Grécia Antiga, sabe-se que o ensino e o aprendizado de Filosofia são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, bem como para a construção de uma sociedade mais justa, próspera e humana. A reflexão sobre questões essenciais relativas à existência, ao conhecimento, à ética e à lógica promove a capacidade de analisar a realidade e argumentar de forma estruturada e coerente. A Filosofia nos encoraja a examinar nossas próprias crenças e valores, assim como a entender e respeitar diferentes perspectivas. Dessa forma, o ensino filosófico contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e participativos, além de aprimorar habilidades essenciais para diversas áreas do conhecimento e da vida cotidiana.

Apesar de sua imensa importância, no entanto, o aprendizado de Filosofia nem sempre é efetivo, por diversas razões. É comum, por exemplo, que essa disciplina seja vista pelo público como um conhecimento acessório, dispensável, ostentado apenas por uma elite intelectual que gosta de “falar difícil”. Diante disso, é fundamental refletir sobre as causas de tamanho desinteresse e sobre as dificuldades que impedem as pessoas, sobretudo os alunos da Educação Básica, de realmente compreender e assimilar o conteúdo filosófico, a fim de que, a partir dessa reflexão, seja possível apontar soluções para o problema.

Conforme Cesar constata, “o ensino de Filosofia no Brasil foi problemático e, embora muitos problemas tenham sido solucionados, ele ainda enfrenta dificuldades” (Cesar, 2012, p. 1). Entre esses obstáculos encontrados por jovens e adultos no aprendizado de Filosofia, pode-se dizer que um dos principais é a linguagem hermética utilizada por professores e livros. Geralmente, é criada a impressão de que a Filosofia é algo inacessível, e muitas vezes parece que se usa um vocabulário complexo e se elaboram pensamentos profundos e intrincados somente para demonstrar erudição. Dado que a Filosofia, por si só, já é um campo desafiador, com temas profundos como metafísica e ética, o uso de linguagem hermética cria uma barreira entre os estudantes e o conhecimento filosófico. Portanto, para promover um ensino produtivo, o professor de Filosofia precisa aprender a adaptar sua linguagem ao público-alvo, esforçando-se sinceramente para traduzir conceitos complexos em uma linguagem compreensível para todos. O desafio aumenta quando se considera o que pondera Gallo, ao dizer:

O ensino de Filosofia não pode ser abarcado por uma didática geral, não pode ser equacionado unicamente como uma questão pedagógica, porque há algo de específico na Filosofia. Há algo que faz com que a Filosofia seja Filosofia [...], e é esse algo que faz com que o ensino de Filosofia careça também de

um tratamento filosófico, de uma didática específica, para além de toda e qualquer questão estritamente pedagógica (Gallo, 2020, n.p.).

Entretanto, o desafio reside não apenas no esforço do docente para simplificar o vocabulário e o modo de explicar. Faz-se necessária também a decodificação das obras filosóficas clássicas, as quais, muitas delas, senão a maioria, apresentam modos quase impenetráveis de expressão, seja pela distância temporal, de época, em que se encontram de nós, seja pelo fato de os próprios autores se expressarem de maneira esotérica, isto é, fechada ao círculo dos iniciados, daqueles que já possuem certo conhecimento filosófico para compreender suas obras. Essa decodificação ocorre mesmo antes de o professor se dedicar à preparação de suas aulas. Na verdade, é importante haver iniciativas de popularização da Filosofia, por meio da elaboração de materiais didáticos que sintetizem ao máximo o pensamento dos principais autores, extraindo de cada um a essência e tornando tudo isso o mais palatável possível. Esse material, por assim dizer, pré-digerido, deve estar nas mãos dos professores, os quais, munidos dessa maneira, deverão, por sua vez, buscar a preparação mais didática possível e apresentar de forma clara o conteúdo assimilado. Nesse percurso, é imprescindível que o docente desenvolva algumas habilidades pessoais, de natureza cognitiva e comunicativa, para seu próprio aprimoramento, tanto como aluno quanto como professor.

A seguir, a partir de pesquisa bibliográfica, bem como da experiência e reflexão dos autores, serão delineados, sob a forma de uma proposta de intervenção pedagógica, alguns passos fundamentais na jornada do docente para se preparar para traduzir aos alunos a linguagem filosófica, tornando-se, assim, um mediador pedagógico desse conhecimento.

O preparo do professor de Filosofia: estratégias e atitudes

Pode-se dizer que a resposta à pergunta “o que se espera do filósofo quando o assunto é o ensino da Filosofia?” remete diretamente “para a experiência formativa necessária aos modos de fazer filosofia em sala de aula, em cujo centro de debate está o domínio dos temas a serem abordados e a metodologia a ser usada para o seu ensino” (Gelamo, 2009, p. 27). Portanto, o ponto fundamental e inicial do processo de decodificação da linguagem filosófica aos alunos tem que ver, primariamente, com a formação do professor, desde a elementar à mais avançada.

A capacidade de interpretação de texto, por exemplo, é a primeira que precisa ser trabalhada pelo docente. Este não deve limitar-se a reproduzir aquilo que ouviu de seus mestres durante a faculdade, muitas vezes cursada de forma deficiente, devido, infelizmente, à educação precária oferecida em muitas instituições de ensino na atualidade, focadas apenas na obtenção

financeira das mensalidades dos discentes. A despeito de uma formação por vezes insuficiente, o docente precisa buscar conhecimento por si, não prescindindo da leitura das fontes primárias, dos clássicos que constituem a base do pensamento filosófico.

Embora hoje exista uma imensa facilidade de acesso a conteúdo *on-line* e, muitas vezes, aulas prontas que o professor possa absorver diretamente da internet, são necessários um esforço e uma honestidade intelectual para que o docente esteja consciente de seu dever moral de buscar o conhecimento mais puro para compartilhar com seus alunos. Assim, ir às fontes primárias e esforçar-se por interpretá-las e decodificá-las em termos e elementos mais simples e assimiláveis para si mesmo e, conseqüentemente, para os alunos é imprescindível, sendo uma ferramenta fundamental no processo de ensino-aprendizagem.

Uma vez que o docente tenha treinado sua capacidade de ler as primeiras fontes e interpretá-las adequadamente, precisa passar para o segundo passo, que é sistematizar e organizar toda a informação assimilada, que muitas vezes é uma massa indefinida de conceitos, pois os autores geralmente escrevem seguindo o fluxo de suas ideias. Essa sistematização deve ser realizada por meio da organização e síntese das informações, podendo ser feita mediante a rascunhos, esboços, resumos, etc.

Após esse processo e após certificar-se de que as informações estão claras em sua mente, de forma que as possa reproduzir facilmente, o docente deve passar para o próximo passo, que deve ser pensar no modo pelo qual transmitirá as informações aos alunos. O pressuposto básico norteador precisa ser o de que os alunos não sabem tanto quanto o professor, ainda que saibam. Isso ajudará o educador a ser o mais didático possível e sempre partir do conhecido para o desconhecido.

Nesse procedimento, é importante que o docente identifique na realidade dos alunos elementos que sirvam de ponte, de ponto de contato com os temas a serem ensinados. Situações do cotidiano dos jovens e adolescentes devem servir ao expositor como gancho para pendurar as informações filosóficas a serem apresentadas. Matos descreve bem o estado dos estudantes quando não encontram vínculo entre sua realidade e o ensino de Filosofia:

Estudantes inquietos e curiosos a respeito de si mesmos, do que estão sendo e do que poderão vir a ser, do mundo que lhes alberga e do tempo/espaço em que existem são, por vezes, ignorados em sua concretude em benefício de nosso bem-intencionado abecedário filosófico (Matos, 2015, p. 372).

Outro ponto importante é sempre lembrar que o ensino de Filosofia não consiste somente em despejar sobre o aluno uma quantidade de conhecimentos sobre o autor A ou B. Consiste,

sobretudo, em ensinar o discente a pensar, a raciocinar, a analisar, em outras palavras, a filosofar por si próprio.

As ferramentas didáticas que o professor utilizará para atingir o objetivo de transmitir fidedignamente e, ao mesmo tempo, de forma pedagógica o conteúdo filosófico são diversas e podem ser adaptadas conforme a necessidade. Recursos audiovisuais e multimídia são apenas algumas das formas pelas quais o docente pode apresentar de modo criativo o conhecimento. É de bom-tom e desejável que, na era altamente tecnológica e multissensorial em que vivemos, não se prescindia da utilização de expedientes que apelem aos sentidos, por meio dos quais o aluno poderá apreender de forma mais concreta, em cores, sons e sensações, a mensagem inicialmente teórica da Filosofia.

Outra coisa de que o professor não deve esquecer-se é a máxima “envolva-me e eu aprenderei”, atribuída a Benjamin Franklin, polímata americano do século XVIII. É necessário que o aluno se sinta parte do processo, incorporado à matéria, e a matéria nele, isto é, é preciso que ele sinta que a disciplina de Filosofia tem relevância prática para o seu viver cotidiano, para os desafios que enfrenta no dia a dia e nos dilemas de sua condição social. Nesse particular, cabe ao professor a elaboração de situações hipotéticas, análogas a problemas de matemática, no qual o aluno se veja forçado a utilizar as ferramentas lógicas e cognitivas fornecidas pela Filosofia a fim de resolver a situação com a qual é confrontado. A importância disso se justifica com a fala de Medeiros:

A atitude de filosofar é fundamental para uma formação ao longo da vida. Na educação, em todos os níveis de ensino, é fundamental a referência aos conhecimentos, capacidades, competência, valores e atitudes. É preciso saber trabalhar tudo isso de modo equilibrado e em interligação (Medeiros, 2019, p. 97).

Esse envolvimento tornará a Filosofia não apenas uma matéria fria, distante e hermética, que leva os alunos a pensarem como muitos o fazem em relação à famosa fórmula de Bhaskara: “Para que serve? Em que situação da minha vida vou usar isso?” Ao ver a Filosofia entrelaçada com situações reais da vida, e ao perceber que tal disciplina pode, de alguma forma, contribuir para a resolução de seus conflitos pessoais e sociais, o estudante experimentará um renovado interesse, tendo sua sede de conhecimento estimulada.

Nesse contexto, vale a pena promover debates conduzidos pelo professor de forma produtiva, nos quais os alunos sejam guiados em um processo de autodescoberta de suas opiniões, profundidade de pensamento e capacidade argumentativa. Uma experiência bem-

sucedida, por exemplo, consiste em dividir a classe em dois grupos e propor a discussão de um tema polêmico que envolva dilemas éticos, uma possível dicotomia. Num primeiro momento, pede-se que um dos grupos defenda um dos pontos de vista do espectro, enquanto o outro grupo argumenta a favor do ponto oposto. Após esse primeiro momento do debate, pede-se que as posições sejam invertidas e o grupo que defendeu uma posição anteriormente defenda agora o ponto de vista contrário. Obviamente, isso gerará certa crise de identidade a princípio por seguir o modo sofista de argumentação, no qual o importante não é necessariamente a verdade, mas a forma de argumentar e vencer o debate. Contudo, isso possui como efeito positivo a promoção da empatia, da capacidade de se colocar no lugar do outro e do respeito pela opinião alheia, valores fundamentais para uma sociedade orientada por princípios filosóficos.

Além do debate, o desafio para os próprios alunos pesquisarem por eles mesmos, e procurem sintetizar de forma mais simples o pensamento de certos filósofos permitirá que, no processo de resumo, aquilo que é complexo se torne palatável para eles. É fato que, por vezes, ou até com frequência, será difícil, em alguns casos, quase impossível, decifrar a linguagem filosófica dos autores clássicos, bem como de seus comentaristas. No entanto, o simples esforço para compreender algo, o exercício da capacidade de interpretar e sintetizar, valerá a pena e preparará o estudante para alcançar patamares mais elevados no processo de aprendizado da Filosofia. Isso sem mencionar que é dever do professor, posteriormente, trazer à sala de aula a interpretação adequada dos textos, sem desconsiderar nem desvalorizar os esforços e as percepções particulares dos alunos.

Outro recurso que o professor de Filosofia pode e deve utilizar são as disciplinas correlatas, que possuem afinidades com a Filosofia, como Letras, História, Sociologia, Artes, entre outras. Considerando que a Filosofia pode ser chamada de “a mãe de todas as ciências”, uma vez que foi o tronco do qual derivaram todos os outros ramos científicos, não é difícil estabelecer vínculos com outras áreas do conhecimento. Essa colaboração, além de tornar mais acessível o aprendizado de uma disciplina tão densa, permite estabelecer conexões que são essenciais para ilustrar e fixar o conteúdo na mente dos alunos.

Com o auxílio da Literatura, por exemplo, é possível explorar e abordar textos de época para identificar traços da filosofia dominante, do “espírito do tempo” (*Zeitgeist*) (Hegel, 2008) em que uma determinada obra foi escrita. Imagine-se, por exemplo, ler Machado de Assis enquanto tem em vista explorar as correntes filosóficas que influenciaram o pensamento do escritor, bem como as ideias e os conceitos de seus personagens. Considere-se, também, quão produtivo é recorrer à Sociologia, uma disciplina-irmã da Filosofia, para examinar e discutir os

problemas da sociedade atual. Igualmente interessante é recordar a História e a Arte, relembrando as fases do tempo e do pensamento, bem como as manifestações culturais.

Toda essa interdisciplinaridade é fundamental e imprescindível para que o conteúdo filosófico se desdobre numa tapeçaria de conhecimento e aplicabilidade para o aluno. Desse modo, o estudante, sem perceber, é envolvido por uma rede de apoio que une professores e disciplinas, áreas distintas do saber e do viver, a fim de construir organicamente um conhecimento que não será meramente para ser reproduzido em provas, mas sim para ser levado para a vida.

Etapa final: transformando teoria em prática

O próximo passo no processo de assimilação da Filosofia pelo aluno é transpor a teoria para a prática, o que pode ser traduzido nos verbos *fazer* e *ensinar*. Conforme pode ser observado na figura 1, a famosa pirâmide da aprendizagem, que reflete as concepções do psiquiatra norte-americano William Glasser, o aprendizado se torna mais efetivo à medida que se volta para a prática, para a ação. É necessário, portanto, que o professor planeje, ocasionalmente, atividades de natureza prática com seus alunos, como, por exemplo, intervenções na comunidade baseadas nos conceitos explorados na área de ética. Além disso, pode promover situações em que o aluno assuma, ele próprio, o papel de professor ou, mais precisamente, de mediador do conhecimento filosófico, direcionando essas interações a outros discentes ou membros da comunidade.

Figura 1 — Pirâmide de Glasser



Fonte: Trevisan (2022, p. 7).

Independentemente do meio pelo qual se execute isso, é preciso que o aluno seja instigado a reproduzir aquilo que aprendeu, a repassar o conteúdo de sua aquisição recente, de maneira que o seu filosofar possa encontrar expressão por intermédio de um agir consciente na direção do compartilhamento com o outro. Em outras palavras, a personalidade do aluno como ente pensante, em sua individualidade, se construirá na manifestação de sua alteridade no ato de transmitir ao outro (seja um colega, parente, vizinho, etc.) o conhecimento obtido em sala ou nos livros. Essa transposição da Filosofia como objeto meramente teórico, restrito ao “mundo das ideias”, para a prática e como instrumento de transformação social é uma revolução, um “giro copernicano” no modo como a Filosofia é tratada ao longo das décadas, especialmente no âmbito escolar. E tal revolução é necessária se queremos ver nossos alunos como seres pensantes e criativos, e não meramente reprodutores da visão de outros. Nisso está a base de uma sociedade sustentável e o fundamento para uma educação que se desdobrará em resultados sociais palpáveis a curto, médio e longo prazo.

Sob essa perspectiva, outra pirâmide igualmente importante para o nosso estudo é a de Abraham Maslow (figura 2), que, embora não tenha sido desenhada por esse psicólogo norte-americano, foi baseada em sua chamada “hierarquia de necessidades”, apresentada no artigo “*A theory of human motivation*” (Uma teoria da motivação humana), de 1943. O esquema ficou conhecido por esboçar didaticamente como funciona a lógica das prioridades humanas conforme nossas necessidades. Resumidamente, a Pirâmide de Maslow organiza as necessidades humanas em uma hierarquia, com as mais básicas na base (fisiológicas e segurança) e as mais complexas no topo (estima e realização pessoal). Segundo essa teoria, as pessoas só se concentram em um nível superior quando as necessidades do(s) nível(eis) inferior(es) estiverem satisfeitas. Essa noção é útil para entender a motivação humana e o comportamento em diversas áreas, como no âmbito do *marketing*, da educação e da gestão de recursos humanos.

Figura 2 — Pirâmide de Maslow



Fonte: Rosenberg (2015).

Conforme já foi mencionado, o aluno só dará real valor ao conhecimento filosófico se este for entrelaçado às situações reais de sua vida cotidiana. O estudante precisa ser levado a entender de que maneira a Filosofia é útil no atendimento à sua hierarquia de necessidades. Ao oferecer reflexões sobre questões fundamentais da existência humana, a Filosofia pode contribuir para que o indivíduo possa encontrar respostas para suas inquietações mais profundas. No nível mais básico, as discussões filosóficas sobre ética e moral podem orientar o estudante na busca por segurança e pertencimento. Além disso, a Filosofia promove o desenvolvimento do pensamento crítico e da capacidade de análise, habilidades essenciais para o autoconhecimento e o crescimento pessoal. Ao compreender como as teorias filosóficas se aplicam à sua própria vida, o aluno pode encontrar meios de alcançar a autorrealização, o topo da pirâmide de Maslow. Portanto, é crucial integrar o ensino da Filosofia com experiências práticas e contextualizadas, para os estudantes percebam sua relevância direta em sua vida e encontrem motivação para explorar seus conceitos e aplicações de forma mais profunda.

Ao mediar esse processo, apresentando as vantagens resultantes da reflexão filosófica, o professor se torna, na realidade, um mensageiro do conhecimento, verdadeiramente interessado no bem-estar de seus alunos; alguém que se empenha em um esforço análogo ao de Prometeu, na mitologia, que rouba o fogo (o conhecimento filosófico) do Olimpo (o pedestal inacessível dos filósofos profissionais) para entregá-lo aos seres humanos (alunos que carecem da Filosofia em sua forma mais simples e pura)³. Outra analogia aplicável é a do Mito da

³ Prometeu, na mitologia grega, é conhecido como o titã que desafiou os deuses ao roubar o fogo divino e entregá-lo aos mortais, possibilitando o progresso humano. Por esse ato de rebelião, foi punido por Zeus, que o acorrentou

RPGE — Revista On-line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 28, n. 00, e023036, 2024. e-ISSN: 1519-9029
DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v28i00.19807>

Caverna, na qual o professor se assemelha àquele que, saindo da caverna, vivencia as maravilhas do mundo da luz e volta à caverna para compartilhar o que aprendeu. Diferentemente daqueles que, na caverna, resistem em aceitar a iluminação, os alunos devidamente cativados pela beleza da reflexão filosófica certamente abraçarão com alegria a oportunidade de aplicar em sua vida um conhecimento que pode transformar sua realidade⁴.

Considerações finais

Em síntese, esta proposta de intervenção pedagógica com o objetivo de popularizar e democratizar o ensino de Filosofia nas escolas pode ser resumida da seguinte forma:

O docente deve estar plenamente consciente da necessidade de decodificar a linguagem hermética da Filosofia em seus conceitos altamente complexos para a realidade do aluno, de modo que este possa compreendê-la em seu próprio nível e de forma que faça sentido para sua vida. Cabe ao professor iniciar o percurso pela própria habilidade de interpretar textos filosóficos e extrair, para si mesmo, a essência deles, organizando as informações de modo que façam sentido para si e para os outros.

Essa organização deve seguir uma linha sistemática e objetiva, percorrendo vias criativas que favoreçam a fixação do conteúdo. Em seguida, o docente deve traçar estratégias para aplicar o conteúdo à realidade de seus alunos, de modo que a Filosofia não seja algo distante, mas presente na vida do discente.

Isso requer, muitas vezes, a utilização de diversos recursos que sirvam como ferramentas potencializadoras do processo de ensino e aprendizagem. Envolver o aluno nesse processo é essencial, fazendo-o enxergar a Filosofia em sua realidade social e como cidadão. Expedientes como debates e intervenções na comunidade são sempre bem-vindos. Além disso, interdisciplinaridade é um recurso do qual o professor eficiente não deve prescindir a fim de ampliar o alcance de seu ensino.

Proporcionar ao aluno atividades práticas que lhe permitam passar adiante o conteúdo

a uma rocha onde uma águia devorava seu fígado diariamente, apenas para regenerá-lo à noite, num ciclo eterno. Para mais informações, ver Sears (2015).

⁴ No Mito da Caverna, presente na obra *A República*, de Platão, o filósofo descreve um grupo de pessoas que passa a vida acorrentado dentro de uma caverna, observando apenas sombras projetadas na parede à sua frente. Essas sombras são tudo o que conhecem do mundo, até que um prisioneiro é libertado e, ao sair da caverna, descobre a verdadeira realidade exterior, iluminada pela luz do Sol. Ele retorna à caverna para contar aos outros, mas eles não acreditam e resistem à ideia de abandonar suas crenças. O mito representa a jornada do conhecimento, do mundo das aparências para o das ideias, e destaca a importância da educação e do pensamento crítico para alcançar a verdadeira compreensão da realidade. Para mais informações, ver Kleinman (2014).

assimilado é algo indispensável no processo de aprendizagem. Estar atento às necessidades mais básicas do aluno e procurar supri-las por meio da aplicação prática da Filosofia, bem como despertar no estudante o senso de que necessita, ele próprio, da Filosofia, é outro passo fundamental para a assimilação eficaz do conteúdo.

Por fim, o docente deve agir intencionalmente, apresentando as vantagens e o bem-estar resultantes do conhecimento e insistindo com sabedoria para que a sede pelo saber seja despertada nos estudantes. Em todo esse procedimento, o professor atua como o grande mediador, articulador e peça-chave entre o mundo da teoria e a experiência real e cotidiana de seus alunos. Isso, enfim, permite que o discente, por sua vez, se torne um agente de transformação social por meio da reflexão filosófica dos temas que abrangem sua realidade.

REFERÊNCIAS

- CESAR, R. P. O ensino de Filosofia no Brasil. **Pandora Brasil**, [S. l.], n. 38, jan. 2012.
- GALLO, S. Governamentalidade democrática e ensino de Filosofia no Brasil contemporâneo. **Cadernos de pesquisa**, [S. l.], v. 42, n. 145, p. 48-65, jan./abr. 2012.
- GALLO, S. **Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o Ensino Médio**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2020. Não paginado.
- GELAMO, R. P. **O ensino da Filosofia no limiar da contemporaneidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- HEGEL, G. W. F. **Filosofia da história**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- KLEINMAN, P. **Tudo o que você precisa saber sobre Filosofia**. São Paulo: Editora Gente, 2014.
- MASLOW, A. A theory of human motivation. **Psychological review**, [S. l.], v. 50, n. 4, p. 370-396, 1943.
- MATOS, J. C. Filosofando sobre o ensino de Filosofia. **O que nos faz pensar**, [S. l.], n. 36, mar. 2015.
- MEDEIROS, E. O. Filosofia da educação e ensino da Filosofia: uma escola de democracia. **Trilhas filosóficas**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 89-100, 2019.
- ROSENBERG, M. **Pirâmide das Necessidades Humanas de Maslow**. 2015. Disponível em: <http://abacoti.com.br/cnv/?p=25>. Acesso em: 21 dez. 2016.
- SEARS, K. **Tudo o que você precisa saber sobre mitologia**. São Paulo: Editora Gente, 2015.
- TREVISAN, F. P. A pirâmide de Glasser aplicada no ensino a distância. **Camalotes**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 30-40, 2022.

CRediT Author Statement

- Reconhecimentos:** Não aplicável.
 - Financiamento:** A pesquisa e a produção deste artigo foram realizadas com o financiamento do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), ao qual os autores expressam sua gratidão.
 - Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.
 - Aprovação ética:** Não aplicável.
 - Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis para acesso, conforme pode ser observado nas referências.
 - Contribuições dos autores:** A pesquisa e a redação deste artigo ficaram a cargo de Eduardo Rueda Neto. A revisão pedagógica e a formatação/normatização, por sua vez, foram realizadas por Jurany Leite Rueda.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

